



NOTAS SOBRE EXTRAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

NOTES ON EXTRACTION IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Adeilson Pinheiro Sedrins¹

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo: Este trabalho discute simetrias e assimetrias verificadas no comportamento de extração de complementos e adjuntos de nome a partir de DPs no português brasileiro (PB), numa comparação com dados de extração do inglês. A análise assume a proposta apresentada em Avelar (2006) para extração de adjuntos nominais no português e oferece uma proposta preliminar para dar conta da simetria verificada entre a extração de complementos e de adjuntos nominais no PB. O modelo de análise é embasado na Teoria de Princípios e Parâmetros, na sua versão minimalista (CHOMSKY, 1995 e trabalhos subsequentes).

Palavras-Chave: Extração; Adjunto nominal; Complemento nominal.

Abstract: *This paper discusses symmetries and asymmetries observed between extraction of adjuncts and complements from DPs in Brazilian Portuguese (BP), comparing the data to those found in English. We assume Avelar's (2006) proposal, regarding adjunct extraction in Portuguese and offer one preliminary proposal in order to accommodate the symmetry observed on extraction of adjuncts and complements of nouns in BP. The analysis is based on the Principles and Parameters Theory, in its minimalist version (CHOMSKY, 1995 and subsequent works).*

Keywords: *Extraction; Adjunct of noun; Complement of noun.*

¹ sedrins@gmail.com

INTRODUÇÃO

Como é fato bastante conhecido na literatura de base gerativista que versa sobre extração, as restrições impostas para movimento de adjuntos ou de constituintes licenciados dentro de adjuntos são maiores do que as impostas para movimento de complementos. Neste artigo, o cerne da discussão será o fato de que o português brasileiro (PB), em relação à extração de complementos e adjuntos nominais, parece mostrar um comportamento peculiar, em relação, por exemplo, ao inglês: tanto adjuntos quanto complementos nominais do PB podem ser extraídos.

A discussão a ser realizada retoma previamente algumas propostas oferecidas tradicionalmente para dar conta das (im)possibilidades de movimento, situando noções estabelecidas na perspectiva teórica do modelo de Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981, 1986b), como o *Princípio de Categorias Vazias* (PCV) e as noções de *barreira* e *subjacência*.

Assumiremos o quadro teórico apresentado em Avelar (2006) para dar conta da extração de adjuntos nominais no PB e, com base nesse trabalho, sugerimos uma proposta preliminar para abarcar a simetria de extração entre complementos e adjuntos no PB.

O artigo está estruturado da seguinte forma: na seção 1 apontamos a assimetria verificada no inglês entre a extração de complementos e adjuntos adnominais e discutimos algumas propostas para dar conta de tal assimetria, revisitando conceitos amplamente discutidos dentro do modelo de Regência e Ligação (R&L). Na seção 2, realizamos uma discussão sobre o modelo minimalista de representação das estruturas sintáticas, o modelo de *Estrutura Nua de Constituinte* (*Bare Phrase Structure*), como proposto em Chomsky (1994), e a proposta de Nunes e Hornstein (2006) para capturar dentro desse modelo a noção de adjunção. Na seção 3, discutimos a proposta de Avelar (2006) para verificar como sua análise dá conta de casos de extração de adjuntos nominais no PB. A seção 4, por sua vez, é fruto de algumas reflexões sobre implicações da proposta de Avelar para a análise dos contrastes de extração do inglês e para as simetrias de extração do PB. Por último, apresentaremos as nossas considerações finais.

1. SOBRE O FENÔMENO DA EXTRAÇÃO

Um contraste interessante de extração a partir de NPs² é apresentado em Huang (1982) e retomado em Chomsky (1986a). Como mostram os dados em (1), a extração do complemento nominal em forma de *wh* é possível, tanto com a preposição movida juntamente com o NP (1b) ou com a preposição permanecendo *in situ* (1a). Nenhuma dessas possibilidades é possível para a extração do adjunto do nome em (1c) e (1d).

- (1) a. which city did you witness [NP the [destruction of t]]
'que cidade você presenciou a destruição de'
b. of which city did you witness [NP the [destruction t]]
'de que cidade você presenciou a destruição'
c. *which city did you meet [NP the man [PP from t]]
'que cidade você conheceu o homem de'
d. *from which city did you meet [NP the man t]
'de que cidade você encontrou o homem'

Na proposta de Chomsky (1986a), os casos de (1a) e (1b) são previstos pelo PCV, já que o complemento está numa posição propriamente regida. (1c), por sua vez, é excluída pela condição de *Subjacência* já que o PP seria uma barreira, como também NP, este último uma barreira por herança. Conforme Chomsky nota, a explicação para (1c) não dá conta de (1d). Para dar conta desse último caso, Chomsky propõe que *the man* funcione como um regente mais próximo resultando numa barreira para movimento.

Stowell (1989) procura explicar contrastes como aqueles em (1) lançando mão da noção do PCV, juntamente com a estrutura de DP proposta em Abney (1987). A análise de Stowell considera que o movimento de um objeto dentro de NP se dá através de [Spec, DP]³ e, dessa forma, não viola subyacência, cruzando apenas uma única barreira, NP. Para dar conta da impossibilidade de extração de adjuntos de NPs, Stowell postula o seguinte princípio:

² Iremos nos referir a NP e DP de acordo com a utilização nos trabalhos originais aqui referidos.

³ Dentro dessa teoria de Stowell, NP e DP funcionam como barreiras para *Subjacência* para um movimento direto do objeto de NP para CP da oração matriz. A ideia de barreiras segue a noção esboçada em Chomsky (1986a): NP seria uma barreira porque não seria L-marcado e DP porque domina imediatamente NP. Para uma leitura sobre L-marcação, barreira intrínseca e barreira por herança, ler Chomsky (1986a).

(2) Uma categoria referencial é uma barreira para regência por antecedência.

Como o vestígio de um adjunto não é regido lexicalmente, para atender ao PCV, ele teria de ser regido por antecedência, o que não ocorre devido ao princípio em (2). O vestígio do adjunto não pode ser regido por antecedência por causa da presença de N, que é referencial.

Culicover & Rochemont (1992) apresentam uma análise similar a de Stowell, excluindo a premissa esboçada em (2), lançando mão da configuração de DP e novamente da noção do PCV. Como pontuado pelos autores, a proposta de Chomsky (1986a) para dar conta da agramaticalidade de (1d) se restringe apenas à configuração $[_{NP} NP t]$, pois se $[_{XP} XP t]$ implicasse sempre uma barreira, então nenhuma extração de adjunto seria possível⁴. Eles então observam que o vestígio deixado por um adjunto de NP é sempre regido por antecedência e, assim, a falha em relação ao PCV se explica exclusivamente pela não regência lexical do vestígio do adjunto.

No geral, o que queremos enfatizar é o fato de que as assimetrias de extração entre complementos e adjuntos de nome existem em línguas como o inglês, por exemplo, e essa assimetria é (ou pelo menos foi em R&L) capturada em termos estruturais, correlacionada a algum princípio da gramática.

Um paralelo do que ocorre com a extração de constituintes de dentro de DPs no inglês pode ser observado no português brasileiro, abaixo:

- (3) a. *De qual cidade* você presenciou a destruição *t*?
b. ??*De qual cidade* você conhece o homem *t*?

(3b) pode ser gramatical numa leitura em que o constituinte movido apresenta leitura adverbial, semelhante à leitura da sentença *De onde você conhece a Maria?* ou *De que cidade você conhece o Pedro?*. Os contrastes em (3) parecem apontar para violações de mesma natureza das que ocorrem no inglês. Contudo, como observado por Avelar (2006), adjuntos nominais encabeçados pela preposição *de* podem ser extraídos livremente no PB:

- (4) a. *De qual caixa* a criança comeu [os bombons *t*]?
b. *De qual porta* o funcionário já trocou [a maçaneta *t*]?

⁴ Essa ideia é rejeitada por Culicover & Rochemont porque em inglês, por exemplo, adjuntos de VP podem ser extraídos.

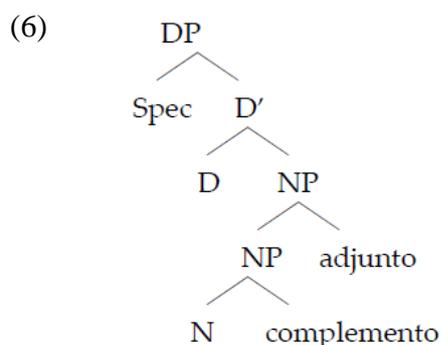
Igualmente, estruturas tradicionalmente analisadas como complementos nominais podem ser extraídas no PB:

- (5)
- a. *De qual estrada* o governo iniciou a restauração?
 - b. *De qual ponte* as chuvas causaram a destruição?
 - c. *De que tipo de material* os estudantes fizeram a análise?
 - d. *De qual livro* o João detestou a leitura?

Como previsto no modelo de R&L, com a noção do PCV, as extrações em (5) são previstas pela gramática, enquanto que aquelas em (4), se se constituem legítimos adjuntos, são problemáticas para afirmações como aquelas apresentadas em Chomsky (1986a), Stowell (1989) e Culicover & Rochemont (1992), referentes às restrições para extração de adjuntos a partir de NPs. Diante disso, precisamos discutir os dados apresentados em (3) e (4), a fim de verificar como, dentro de um modelo minimalista, as extrações a partir de DPs, no PB, são licenciadas. Para isso, passamos a discutir na próxima seção a noção de *estrutura nua de constituinte*, que será explorada em nossa análise.

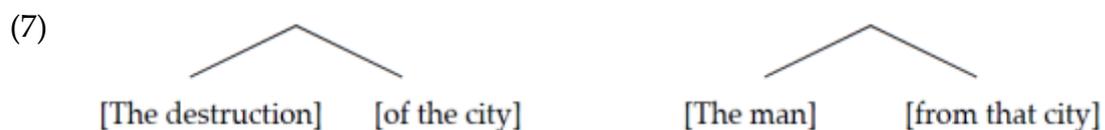
2. O MODELO DE ESTRUTURA NUA DE CONSTITUINTE E A CONFIGURAÇÃO DE ADJUNÇÃO

As análises desenvolvidas sob o rótulo de R&L tomavam o modelo X-barra como o modelo representacional para as relações estabelecidas na derivação de uma sentença. No Programa Minimalista, o modelo de *Estrutura Nua de Constituinte* (*Bare Phrase Structure*, CHOMSKY, 1994) substitui o modelo X-barra e com essa substituição, entidades como um XP ou um X' são explicitamente tratados como são: meros recursos notacionais. (6) é uma representação, nos moldes de X-barra, da diferente configuração atribuída para um complemento e para um adjunto:



A estrutura em (6) permitia, através da postulação do PCV, capturar as assimetrias de extração de um complemento e de um adjunto. Como pode ser observado, o complemento ocupa uma posição regida lexicalmente, irmã do núcleo N, enquanto que o adjunto é gerado numa posição irmã de NP, que é duplicado, de acordo com a derivação tradicionalmente assumida para adjunção em R&L.

Com o advento do modelo de *Estrutura Nua de Constituinte* (ENC), as representações de uma estrutura como *The destruction of the city*, em que temos um complemento nominal (*of the city*), e de uma estrutura como *The man from that city*, em que temos um adjunto nominal (*from that city*), são apresentadas como em (7):



Conforme pode ser verificado em (7), as relações previstas pelo modelo X-barra, que permitia a verificação de efeitos do PCV na extração de adjuntos e complementos, são anuladas. Para capturar a diferença entre complementos e adjuntos dentro do modelo de ENC, Nunes e Hornstein (2006) propõem que no caso da concatenação de [The destruction] com [of the city], a operação *concatenar*, que une dois objetos sintáticos, é aplicada seguida de uma operação de rotulação. No caso da concatenação do nome com o adjunto, como em [The man from that city], *Concatenar* é aplicada a [The man] e [from that city], mas a concatenação entre esses dois objetos não resulta em rotulação.

A ideia sobre rotulação é desenvolvida em Hornstein (2005), onde o autor argumenta que a simples operação de concatenação seria incapaz por si mesma de satisfazer os requerimentos para a geração de sentenças da linguagem humana. Enquanto a operação *concatenar* agrega linearmente constituintes, é a operação rotular que permite a formação de um objeto sintático que posteriormente será concatenado a outro objeto sintático.

Tomando como exemplo a construção *destruction of the city*, apenas em termos de concatenação, temos somente uma linearização *destruction^of^the^city* e nenhuma relação hierárquica seria prevista por essa linearização. A operação de rotulação seria aplicada em *the^city*, resultando num átomo [_{the} *the city*], o qual

posteriormente seria concatenado com o átomo [*destruction*], sofrendo rotulação e resultando no objeto [*destruction of the city*]. A rotulação permite capturar a relação que *the* tem com *city*, que é diferente da relação estabelecida entre *the* e *destruction*.

Nunes & Hornstein (2006) preveem a possibilidade de uma rotulação na adjunção, mas isso não é uma operação obrigatória. A não-rotulação na adjunção implica que na concatenação de dois objetos X e Y, o objeto resultante não seja nem da natureza de X, nem de Y. Essa propriedade permite conservar as propriedades dos objetos envolvidos na concatenação, captando as propriedades que adjuntos apresentam na estrutura sintática.

Essa proposta para adjunção em termos de ENC é adotada em Avelar (2006) para dar conta de casos de extração de adjuntos nominais no PB. A seguir, vamos apresentar a proposta desse autor e discutir de que forma sua análise dá conta de casos de extração a partir de DPs e como as implicações dessa proposta podem dar conta de contrastes no inglês e na extração de sintagmas preposicionais argumentos de dentro de DPs, em construções do PB.

3. EXTRAÇÃO DE ADJUNTOS NOMINAIS NO PB

Explorando aspectos sintático-semânticos de adjuntos nominais no PB, Avelar tece uma análise que distingue entre os adjuntos nominais, aqueles introduzidos pela preposição *de* e aqueles introduzidos pelas preposições *em*, *com* e *para*. Enquanto os adjuntos nominais introduzidos por *de* (doravante de-adjuntos) seriam verdadeiros DPs na sintaxe, com a inserção tardia da preposição, os adjuntos adnominais introduzidos por *em*, *com* e *para* (doravante P-adjuntos) apresentariam uma estrutura mais complexa dispondo de uma arquitetura clausal.

Entre algumas propriedades que diferem de-adjuntos de P-adjuntos está a de que apenas de-adjuntos, em forma interrogativa, quando extraídos para o início da sentença, preservam sua leitura como adjunto nominal (8), enquanto que P-adjuntos, em forma interrogativa, quando deslocados para o início da sentença, desencadeiam apenas leitura adverbial (9) e (10):

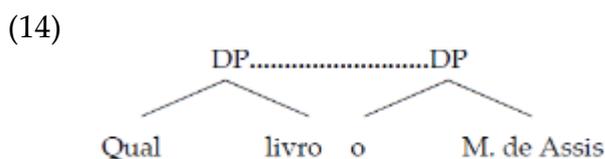
- (8) a. *De qual porta* o funcionário já trocou a maçaneta?
(9) a. A menina rabiscou [o caderno com qual capa]?
b. **Com qual capa* a menina rabiscou o caderno?

- (10) a. A Ana embrulhou [o presente *para qual convidado*]?
 b. **Para qual convidado* a Ana embrulhou o presente?

Uma outra propriedade verificada por Avelar é a de que tanto o de-adjunto quanto o nome por ele modificado são passíveis de extração (11). Da mesma forma, isso ocorre em construções com leitura de continente-conteúdo (12) – (13), em que tanto o continente quanto o conteúdo podem ser extraídos:

- (11) a. Qual livro (que) você leu, do Machado de Assis?
 b. Qual prova (que) o professor ainda não corrigiu, dos alunos reprovados?
 c. Qual funcionário (que) você conhece, do departamento?
- (12) a. De qual cerveja você bebeu duas garrafas?
 b. Quantas garrafas você bebeu de cerveja?
- (13) a. De qual cerveja você quebrou duas garrafas?
 b. Quantas garrafas você quebrou de cerveja?

Para capturar as possibilidades de extração em (11) – (13), Avelar propõe a seguinte estrutura para adjunção de de-adjuntos:



A concatenação que opera entre [qual livro] e [o Machado de Assis] ocorre sem haver rotulação, seguindo a proposta de adjunção de Nunes e Hornstein (2006), apresentada na seção anterior. Além disso, a preposição *de*, como um elemento *dummy*, marcador de Caso, é inserida pós-sintaticamente, seguindo abordagens como as de Chomsky (1986b) e Giorgi e Longobardi (1991). O fato de a concatenação em (14) poder não resultar numa rotulação deixa cada DP num *status* de átomo independente, o que resulta na possibilidade de alçamento tanto de [Qual livro], quanto de [o Machado de Assis]. Nos casos em que há a extração

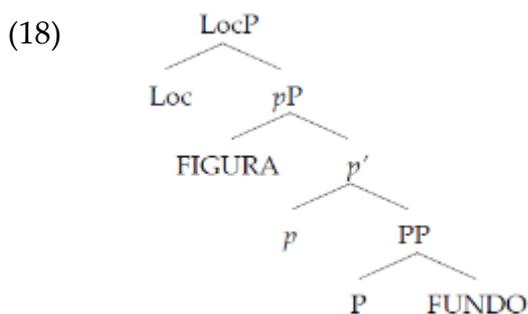
de todo o DP, incluindo o constituinte genitivo, Avelar propõe que tal movimento se dá pela aplicação da rotulação como mostra (15):

- (15) a. Qual livro do Machado de Assis (que) você leu?

Avelar observa que o PB permite a extração de um DP modificado, na forma interrogativa, com o P-adjunto permanecendo *in situ*, conforme mostra (16). Esse comportamento também foi atestado para construções com de-adjuntos, como as ilustradas em (11) – (13), em que os modificadores permaneciam *in situ* com a extração do nome modificado.

- (16) a. A Maria usou [aqueles sapatos (lá) debaixo da cama].
 b. Qual (daqueles) sapato(s) a Maria usou, (lá) embaixo da cama?
 (17) a. Nós vamos lavar [essas roupas (aí) dentro do armário].
 b. Qual (dessas) roupa(s) nós vamos lavar, (aí) dentro do armário?

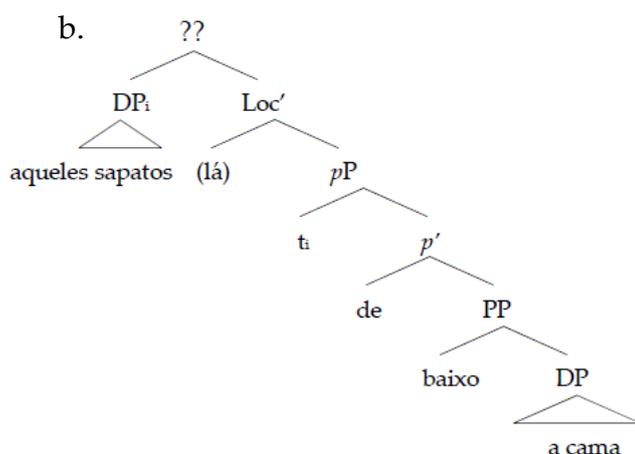
A possibilidade de o P-adjunto permanecer *in situ*, mesmo com o movimento do DP modificado, como também as impossibilidades de (11b) e (10b) são tomadas como evidência para a estrutura de P-adjuntos adotada em Avelar. Essa estrutura é a apresentada em (18), baseada na hipótese de *Split-P* de Svenonius (2004):



(18) abarca construções como *aqui pra cima*, *aí por trás* e *lá de dentro*. De acordo com Avelar, os morfemas *cima*, *trás* e *dentro* consistem na realização de P; as preposições *para*, *por* e *de* são realizações de *p*, e os advérbios *aqui*, *aí* e *lá* são realizações de *Loc*. Avelar ainda assume que mesmo quando o advérbio não se encontra morfológicamente realizado, o núcleo *Loc*, correspondente a essa categoria, está presente na arquitetura.

Na arquitetura do P-adjunto apresentada em (18), uma construção como *aquele sapatos lá debaixo da cama* é derivada da seguinte forma: o DP modificado [*aqueles sapatos*] é gerado na posição de [Spec, *pP*], da qual é movido em seguida para [Spec, *LocP*]; *lá*, como já referido, é gerado na posição nuclear de *Loc*; o DP modificador é gerado na posição de complemento de P, conforme mostra (19):

(19) a. *aqueles sapatos (lá) debaixo da cama*



Conforme Avelar pontua, não existe em (19) qualquer obstáculo para que o DP *aqueles sapatos* seja movido para fora de *LocP*. Isso possibilita o movimento do DP modificado como aqueles apresentados em (16) – (17)⁵.

A dupla interrogação no topo da representação em (19b) é usada aqui para nos referir ao fato de que não necessariamente ocorre uma operação de rotulação neste ponto da derivação, o que permitiu a Avelar dar conta de construções em que constituintes modificadores como *lá debaixo da cama* sejam extraídos em mesmas condições que *aqueles sapatos*.

A possibilidade de extração do modificador P-adjunto, contudo, é limitada a extrações em contextos não interrogativos, com *LocP* topicalizado. Ou seja, a possibilidade de extração de um P-adjunto existe, mas em contextos bastante

⁵ Avelar toma como forte evidência para o movimento do DP modificado da posição de [Spec, *pP*] para a posição [Spec, *LocP*] a distribuição de quantificadores flutuantes no interior da relação entre DPs e PPs: numa construção como *aqueles sapatos lá todos debaixo da cama*, o quantificador, seguindo Sportiche (1988), estabelece uma relação de constituência com o DP movido *aqueles sapatos*. Essa relação se dá porque o quantificador está numa posição entre o advérbio e a preposição que ocupa a posição nuclear *p* e, nesta posição, estabelece uma relação de constituência com a posição de onde o DP modificado foi movido [Spec, *pP*].

específicos. Avelar apresenta os seguintes pares de pergunta-resposta em que a extração do P-adjunto é possível:

- (20) a. – Você sabe dizer se o professor corrigiu alguns daqueles trabalhos lá em cima da mesa?
b. – Lá em cima da mesa, ele só corrigiu os artigos.
- (21) a. – Quais camisetas aqui dentro do guarda-roupa o Roberto lavou?
b. – Aqui dentro do guarda-roupa, o Roberto só lavou as camisetas azuis.
- (22) a. – Você gosta de algumas daquelas pessoas ali no corredor?
b. – Ali no corredor, eu só gosto dos mais velhos.

Para dar conta da impossibilidade de extração de P-adjuntos em forma de interrogativas como (23), Avelar recorre a uma explicação que não se refere a restrições de ordem estrutural já que, a princípio, dentro de seu quadro teórico, parece não existir razões de ordem estrutural para bloquear tais extrações.

- (23) a. *(Aqui) em cima de qual mesa que a criança leu todos os livros?
b. *(Lá) dentro de qual geladeira que você vai comer os docinhos?
c. *(Aí) embaixo de qual cama que você usou o sapato?
d. *(Lá) para dentro de qual biblioteca que você etiquetou os livros?
e. *(Ali) atrás de qual shampoo que você usou a escova de dente?

A saída encontrada para dar conta de tais impossibilidades é aquela a que Avelar se referiu como gradação de referencialidade. Para ele, o problema de agramaticalidade em (23) se deve à incompatibilidade entre o advérbio dêitico (morfologicamente realizado ou não) com o DP modificador⁶. Para corroborar essa ideia, Avelar observa que mesmo *in situ*, os P-adjuntos em (23) implicam estruturas agramaticais:

- (24) a. * A criança leu todos esses livros (aqui) em cima de qual mesa?
b. * Você vai comer aqueles docinhos (lá) dentro de qual geladeira?

⁶ Como observado nos dados de Avelar, o constituinte locativo só pode ser claramente interpretado como um adjunto nominal se o determinante associado a N for um artigo definido.

-
- c. * Você usou aqueles sapatos (aí) embaixo de qual cama?
 - d. * Você usou aquela escova de dente (ali) atrás de qual shampoo?

Mesmo a extração de de-adjuntos, que é possível no PB (25), torna-se impossível se um advérbio dêitico estiver presente (26):

- (25) a. A criança quebrou o controle remoto de qual TV?
b. *De qual TV* a criança quebrou o controle remoto?
- (26) a. A criança quebrou o controle remoto (*aqui/*aí/*ali) de qual TV?
b. (*Aqui/*Aí/*Ali) de qual TV a criança quebrou o controle remoto?

Em suma, a proposta de Avelar (2006) para dar conta entre os contrastes de extração entre de-adjuntos e P-adjuntos é a seguinte: em ambos os casos a adjunção ocorre como proposto em Nunes & Hornstein (2006), ou seja, concatenação com possibilidade ou não de rotulação. A não rotulação resulta em iguais possibilidades de extração tanto do DP modificado quanto do adjunto modificador. Para os casos em que o DP é movido juntamente com o adjunto, assume-se que houve rotulação.

Impossibilidades de extração de constituintes interrogativos são explicadas a partir da incompatibilidade da natureza do advérbio dêitico com um constituinte interrogativo: como P-adjuntos, nessa proposta, apresentam obrigatoriamente esse tipo de advérbio em sua estrutura (morfologicamente realizado ou não) a implicação dessa proposta de Avelar é a de que a existência de P-adjuntos em forma de constituintes interrogativos é nula no PB; de-adjuntos, por sua vez, como são na realidade DPs na sintaxe, não apresentam em sua estrutura advérbios dêiticos. Advérbios dêiticos podem ser combinados com de-adjuntos, desde que estes não estejam em forma interrogativa.

4. EXTRAÇÃO DE COMPLEMENTOS E ADJUNTOS NOMINAIS NO PB

Casos de extração de complementos nominais parecem ser igualmente possíveis no PB, conforme os dados mostrados em (5), repetidos aqui em (27):

- (27) a. *De qual estrada* o governo iniciou a restauração?
b. *De qual ponte* as chuvas causaram a destruição?
c. *De que tipo de material* os estudantes fizeram a análise?
d. *De qual livro* o João detestou a leitura?

Por outro lado, como mostrado nos exemplos em (3), repetidos aqui em (28), parece haver alguns contextos em que uma assimetria entre a extração de complementos e adjuntos nominais se dá no PB:

- (28) a. *De qual cidade* você presenciou a destruição *t*?
b. ??*De qual cidade* você conhece o homem *t*?

Baseados no quadro esboçado em Avelar (2006), previamente, vamos nos centrar na discussão de três questões no que concerne ao fenômeno da extração a partir de DPs no PB:

(i) dado o contraste de extração entre adjunto e complemento observado no inglês (CHOMSKY, 1986; STOWELL, 1989; CULICOVER & ROCHEMONT (1992), entre outros) que propriedades estariam diferenciando o PB do inglês, já que essas duas línguas parecem restringir de forma diferente a extração a partir de DPs?

(ii) Que tipo de restrição bloqueia a extração do adjunto em (28b), já que, no geral, a extração de adjuntos nominais parece ser permitida no PB?

(iii) O que permite uma simetria entre extração de complementos e adjuntos nominais no PB?

Para a questão colocada em (ii), apresentamos uma proposta logo em seguida. Para as questões (i) e (iii), apresentaremos algumas questões pertinentes para investigação.

Vamos começar, então, com a questão (ii). Assumimos aqui a proposta de Avelar delineada anteriormente. O problema em relação à estrutura em (28b) é anulado se considerarmos que *de* em *De qual cidade você conhece o homem?* está presente na computação sintática, exibindo uma arquitetura idêntica a de P-adjuntos, conforme proposto em Avelar. Se *de qual cidade* for realmente um P-adjunto, a agramaticalidade de (28b) se dá não por questões estruturais, mas devido à incompatibilidade do advérbio dêitico (morfologicamente nulo) presente na estrutura com o constituinte interrogativo *qual* (Ex.: *Você conhece o homem (*lá) de qual cidade?*).

Em inglês, relações que designam “origem”, “fonte” são estabelecidas pela preposição *from*, que possui um certo conteúdo semântico fixo e que geralmente encabeça adjuntos:

- (29) a. The girl *from* New York
b. I am *from* Brazil
c. *From* the beginning of the storm, Dorothy was sure she would make it home
d. *From* the bottom of my heart...

A preposição *of*, por sua vez, tem uma característica de elemento *dummy*, com um conteúdo semântico esvaziado, e entra nas mais variadas relações, encabeçando geralmente argumentos:

- (30) a. The destruction *of* the city
b. The end *of* the world
c. She bought a lot *of* things.
d. Prepositions *of* place

Em português, as relações geralmente estabelecidas pela preposição *of* e algumas estabelecidas pela preposição *from*, no inglês, são realizadas pela preposição *de*. A preposição *de* que aparece encabeçando argumentos apresenta um caráter funcional, como apresentado em análises como a de Salles (1992) e Berg (2005). Quando *de* apresenta seu sentido “primeiro” de “origem”/“fonte”, encabeça um adjunto, nunca um complemento. Dessa maneira, a forma *de* que aparece na construção (28b), repetida aqui em (31), é correspondente a uma verdadeira preposição, que está presente durante a computação sintática. Note-se que a relação que *de* estabelece em (31) é estabelecida pela preposição lexical *from* em inglês e não pelo item funcional *of* (32):

- (31) a. *Você conhece o homem *de qual cidade*?
b. **De qual cidade* você conhece o homem?
- (32) a. You met the man from New York.
b. **from which city* did you meet the man?

Svenonius (2004) classificou a preposição *from* do inglês entre as preposições direcionais (*path elements*), as quais veiculam informação sobre uma dada trajetória, que pode dizer respeito, por exemplo, a uma fonte/origem, como é o caso de *from* em (32). A preposição *de* em (31) parece se enquadrar perfeitamente nessa classificação e, seguindo a análise de Avelar, esse item apresentaria, então, uma estrutura de *Split-P*, como aquela apresentada em (18) anteriormente. Se *de*, em exemplos como (31), consiste em verdadeira preposição, como de fato parece ser, então a agramaticalidade de (31b) se deve à incompatibilidade entre o elemento interrogativo *qual* e o advérbio dêitico, que, segundo Avelar, está presente na estrutura, porém morfológicamente não-realizado.

Note-se que mesmo (31a) é agramatical, pelo menos numa leitura de adjunto nominal do constituinte interrogativo, como se é esperado. Se o adjunto nominal em (31) não apresentasse um constituinte interrogativo, a sentença seria boa, já que não haveria incompatibilidades entre o advérbio dêitico foneticamente nulo e a estrutura do P-adjunto, como mostra (33):

(33) Você conhece [o homem de São Paulo]?

Vamos agora retornar às questões (i) e (iii) repetidas abaixo:

(i) dado o contraste de extração entre adjunto e complemento observado no inglês (CHOMSKY, 1986; STOWELL, 1989; CULICOVER & ROCHEMONT (1992), entre outros) que propriedades estariam diferenciando o PB do inglês, já que essas duas línguas parecem restringir de forma diferente a extração a partir de DPs?

(iii) O que permite uma simetria entre extração de complementos e adjuntos nominais no PB?

Começemos por (i). Para capturar o contraste de extração entre um complemento e um adjunto dentro de NP, Bošković (2005) se utiliza da noção de proximidade para licenciamento de movimentos de dentro do DP. Não nos deteremos em pormenores na análise do autor. Assumindo uma representação arbórea nos termos de X-barra padrão, Bošković argumenta que a impossibilidade de movimento do adjunto nominal no inglês se dá devido ao

fato de que esse adjunto está no domínio mínimo de DP, diferentemente do complemento nominal e, sua subida para a periferia do DP seria uma operação imprópria⁷, já que seria um movimento para dentro do mesmo domínio. O complemento, por estar mais distante, fora do domínio mínimo de DP, poderia se mover para a periferia de DP estando disponível para operações posteriores.

Avelar, com base nessa proposta de Bošković, relacionando-a à ideia de que um traço [num] licenciador de genitivo, em línguas como o inglês e o português europeu, encontra-se em NumP, explica as impossibilidades de extração de genitivos adjuntos no português europeu de forma semelhante a de Bošković.

Assim como no inglês, a extração de adjuntos de nome no português europeu resulta num estranhamento. Esse estranhamento se dá porque, para extrair o adjunto, ele deveria mover-se até a periferia de DP para estar acessível a operações posteriores que o “levassem” para o início da sentença. Contudo, esse movimento seria impróprio já que se daria para dentro do mesmo domínio⁸.

Uma questão surge em meio a essas propostas: quando Avelar se refere às impossibilidades de extração de adjuntos genitivos no português europeu, o autor está se referindo a construções sob o rótulo de **genitivo**. As construções genitivas em português têm como uma de suas características essenciais a introdução pela preposição *de*. Em inglês, dois tipos de construções genitivas são encontradas: as com a marcação ‘s, como em *John’s destruction of the city* ou as introduzidas por *of* como em *destruction of the city*.

De fato, como temos observado, os contrastes clássicos apresentados na literatura no que diz respeito a contrastes de extração entre complementos e adjuntos de nome no inglês recorrem a construções adjuntas não genitivas, como é o caso das construções apresentadas em (34) abaixo (cf. HUANG, 1982; CHOMSKY 1986; STOWELL, 1989, entre outros):

- (34) a. *which city did you meet [_{NP} the man [_{PP} from *t*]]
b. *from which city did you meet [_{NP} the man *t*]

⁷ Essa ideia de que um movimento tem de se mover para a periferia do DP para que em seguida possa ser extraído para fora do DP provém da assunção de Bošković de que o DP constitui uma Fase.

⁸ Como no português europeu o adjunto seria adjungido a NumP, ele estaria dentro do domínio mínimo de DP: [DP[NumP adjunto[NumP[NP]]]].

Para dar conta da impossibilidade em (34), um caminho que parece plausível, dentro da perspectiva aqui adotada, é postular a saída dada para o exemplo (32): *from* é um P-adjunto e é incompatível com constituintes interrogativos.

Estudos sobre extração do genitivo em inglês mostram que construções genitivas em forma de *of*-NP podem ser extraídas no inglês, como mostrou, por exemplo, Stowell (1989):

- (35) a. Who did you sell [a picture of]?
b. ?? Who did you sell [Mary's picture of]?

(35a) mostra a possibilidade de extração do genitivo tema, que não é novidade para os dados aqui apresentados, já que se trata de extração de um complemento. (35b) mostra uma restrição também observada para o espanhol (TICIO, 2005) e para o italiano (GIORGI & LONGOBARDI, 1991), entre outros, de que a extração se dá para o genitivo mais proeminente na estrutura: a presença de um agente bloqueia a extração do tema. Conforme observado por Sedrins (2009), esta restrição também se aplica ao PB, como pode ser visto nos dados em (36) e (37):

- (36) a. O João leu a tradução de Raposo do Programa Minimalista.
b. **De que livro* o João leu a tradução de Raposo?

- (37) a. Você vendeu as fotos de João de que artista?
b. **De que artista* você vendeu as fotos de João?

Se os genitivos podem ser extraídos no inglês, assim como também no PB, sofrendo restrições de mesma natureza, então podemos pensar que o inglês, em relação à extração a partir de DPs, assemelha-se ao PB. A questão sobre a extração de constituintes genitivos no inglês, no entanto, é uma questão que deixamos em aberto, já que por ora, os dados de que dispomos não nos permite chegar a nenhuma generalização.

Tomemos agora a questão sobre o que permite uma simetria entre a extração de um complemento e de um adjunto no PB. Nossa intuição é a de que a configuração que permite a extração de um adjunto nominal é a mesma que permite a extração de um complemento. A ideia é a de que o complemento pode ser extraído porque ele é adjungido ao DP da mesma forma que ocorre com

adjuntos adnominais. A adjunção do complemento se dá apenas quando não há nenhum outro genitivo (agente ou possuidor) na estrutura que possa checar algum traço de D.

Vamos assumir com Engelhardt (2000) que o complemento nominal recebe Caso inerente do núcleo N (ideia baseada em CHOMSKY, 1986b) e que o Caso para genitivos agentes seria conferido por algum outro núcleo funcional na estrutura do DP, como Agr ou mesmo Num, por exemplo. Dessa forma, a adjunção ao DP não seria para checagem de Caso e sim para checagem de algum outro traço presente em D. Numa construção em que só temos o genitivo objeto (o complemento do nome), esse genitivo é adjungido ao DP para checagem do traço de D e nessa posição pode ser extraído para o início da sentença.

Como mostrado nos dados em (36) e (37), quando o genitivo “agente” está presente, por razões de minimalidade, é o agente quem checa o traço de D, podendo ser posteriormente extraído. Isso implica que se dois genitivos estão presentes na estrutura do DP (um agente e um tema, por exemplo) é o genitivo mais proeminente na estrutura (no caso, o agente) que poderá ser extraído. A extração do genitivo tema seria proibida na presença de um genitivo mais proeminente que possa checar o traço de D.

De fato, como podemos observar em (38), o genitivo agente pode ser extraído (38b), contrariamente ao genitivo tema (38c):

- (38) a. Maria aprovou a análise de João da economia brasileira.
b. *De qual especialista* a Maria aprovou a análise da economia brasileira?
c. **De que/qual economia* a Maria aprovou a análise de João?
d. *De que/qual economia* a Maria aprovou a análise?

(38d), em que o genitivo agente não é projetado, permite a extração do genitivo tema. Como a estrutura só dispõe desse genitivo, é ele quem checa o traço em D por adjunção a DP, já que nenhuma restrição de minimalidade surge para evitar essa checagem. Uma vez adungido ao DP, o movimento do genitivo tema pode ser licenciado.

Os dados em (38), bem como as ideias aqui esboçadas apontam para a necessidade de um estudo mais acurado sobre o fenômeno da extração no PB. Não só no tocante às assimetrias verificadas entre adjuntos, complementos e em construções com múltiplos genitivos, como também no que diz respeito ao estudo da natureza dos sintagmas preposicionais que modificam nomes nessa

língua, que não se comportam sintaticamente de forma homogênea, pelo menos no que se refere ao fenômeno da extração. O corolário de questões que surgem não é pequeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos algumas restrições sobre extração entre complementos e adjuntos de nome no inglês e no português, situando algumas análises que se propuseram a dar conta desses contrastes. A maioria das assunções aqui adotadas foi baseada no trabalho de Avelar (2006), que estudou aspectos referentes a propriedades sintático-semânticas de adjuntos adnominais no português brasileiro. Entre as propostas apresentadas em Avelar, adotamos aqui a distinção que o autor faz entre adjuntos nominais (em forma de sintagmas preposicionados) que são na realidade manipulados na sintaxe como DPs, os quais denominamos de de-adjuntos e PPs que são encabeçados por verdadeiras preposições, presentes na derivação sintática, os quais denominamos de P-adjuntos.

Os contrastes estruturais entre esses dois tipos de adjuntos, que permitiu a Avelar dar conta de assimetrias de extração entre P-adjuntos e de-adjuntos, também nos permitiu tecer algumas considerações acerca da extração de adjuntos nominais encabeçados por *from* no inglês, que, como verdadeira preposição, não é compatível com um constituinte interrogativo. Dessa forma, o efeito de gradação de referencialidade também foi assumido nesta análise.

A discussão aqui apresentada explorou uma simetria de comportamento de extração de complementos e adjuntos nominais no PB, sendo apresentada uma proposta preliminar de que tanto argumentos genitivos, quanto adjuntos são adjungidos a DP para checagem de traço de D. As questões apresentadas tornam-se promissoras para pesquisa, uma vez que implica, inclusive, reanalisar estruturas tradicionalmente classificadas como adjuntos nominais, por apresentarem comportamento sintático semelhante ao de complementos nominais.

REFERÊNCIAS

- ABNEY, S. P. *The English noun phrase in its sentential aspect*, Ph.D. dissertation, MIT, Cambridge, Mass, 1987.
- AVELAR, J.O. de. *Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro*. Tese de doutorado, Campinas, UNICAMP, 2006.

-
- BERG, M.B. *O comportamento semântico-lexical da preposição do português do Brasil*. Tese de doutorado (em Lingüística), UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2005.
- BOŠKOVIĆ, Z. On the locality of left branch extraction and the structure of NP. *Studia Linguistica*, 59, 2005.
- CHOMSKY, N. *The minimalist Program*. Cambridge, MIT Press. 1995.
- CHOMSKY, N. Bare Phrase Structure. *MIT Occasional Papers in Linguistics* 5, 1994.
- CHOMSKY, N. *Barries*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1986a.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of Language, its Nature, Origin, and Use*. New York: Praeger, 1986b.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Forris, 1981.
- CULICOVER, P.; ROCHEMONT, M. Adjunct extraction from NP and the ECP. *Linguistic Inquiry* 23, p. 496-501. 1992.
- ENGELHARDT, M. (2000). The projection of argument-taking nominals. *NLLT* 18:41-88.
- GIORGI, A.; LONGOBARDI, G. *The syntax of noun phrases*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991
- HORNSTEIN, N. *What do labels do?* Ms. 2005.
- HUANG, J. *Logical relations in Chinese and the theory of grammar*. Tese de doutorado, MIT, Cambridge, 1982.
- NUNES, J.; HORNSTEIN, N. *Some thoughts on adjunction*. 2006, Ms.
- SALLES, H. M. M. L. de A. *Preposições do português: um estudo preliminar*. Dissertação de mestrado, UnB, 1992.
- SEDRINS, A. P. *Restrições de extração de argumentos e adjuntos de nome no português brasileiro*. Maceió, 2009. Tese de doutorado, UFAL.
- SPORTICHE, D. A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure. *Linguistic Inquiry*. n. 19, pp. 425–449. 1988.
- STOWELL, T. Subjects, specifiers, and X'-theory. In: BALTIN, M.R.; KROCH A.S. *Alternative Concepts of Phrase Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989. pp. 232-262.
- SVENONIUS, P. *Adpositions, particles and the arguments they introduce*, 2004, Ms.
- TICIO, E. Locality and anti-locality in Spanish DPs. *Syntax*, 8:3, 2005.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 27 de setembro de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 19 de novembro de 2016.